

"O sentido não é o lugar da chegada, mas o trajeto surpreendente entre os pontos" (p. 52).

O livro de Mara Selaibe, *Ensaio clínico sobre o sentido*, vem realizar um trabalho inédito e de grande importância: costurar, por dentro, as reflexões do pensamento do filósofo Gilles Deleuze sobre o sentido com as conceitualizações psicanalíticas sobre o sentido, a significação, a linguagem, o pensar, a fantasia inconsciente e as pulsões. Apesar do cuidado em distinguir os campos da psicanálise e da filosofia, ressaltando a intenção de aproximação e não de mistura, o efeito que provoca no leitor é o da boa mistura, caomose, produtora de uma nova configuração de entendimento, onde nem a filosofia nem a psicanálise saem ilesas do contato.

Trabalhando exclusivamente no plano dos conceitos e das idéias, entremeado de seis situações clínicas que mais do que ilustrar, integram as discussões precedentes e abrem novas problemáticas, o livro não se atém às querelas histórico-institucionais ou do plano da história das idéias. A autora prefere arregaçar as mangas e se dispor a um árduo trabalho intelectual. Este nos propicia o novo e o inédito de uma aproximação que trará, em seu bojo, um efeito libertador para a psicanálise, no que diz respeito às amarras do primado da significação e, até certo ponto, de um formalismo mental *a priori*, que desconhecera sua imersão, duradoura e permanente, no caldo do sentido. Sentido que os antecede, que é um efeito *incorporal* de um percurso sempre corporal, encontro de corpos desde o tem-

Psicanálise do sentido

Resenha de Mara Selaibe, **Ensaio clínico sobre o sentido: fantasia, pensamento onírico e pulsões**
São Paulo, Edusp/Casa do Psicólogo, 2003,
258 p.

po dos inícios, encontro de intensidades, as forças sempre antecedendo e ultrapassando as suas formatações, dando sempre a possibilidade de novas e criativas formas que se compõem e recompõem. Em relação ao pensamento deleuzeano, faz justiça a seu diálogo constante com a psicanálise, mas tira-o da marca do *anti*. Cunha esta, desde seu famoso Anti Édipo, a partir das vicissitudes da história e da política das idéias: *anti* o primado e a transcendência do simbólico, que a criativa e sedutora leitura hegeliana da psicanálise por Lacan transformou, ao menos até um certo momento, o da chamada clínica do Real, em bloco totêmico monolítico, com gigantescos efeitos ideológicos, que ultrapassaram as fronteiras do pensamento psicanalítico e cultural francês. Neste sentido, talvez haja por parte da autora uma precaução exagerada em relação à distinção dos dois campos, a filosofia e a psicanálise, e uma certa modéstia, falando de aproximação dos dois campos, quando produz uma verdadeira imanência de um campo no outro, que tem efeito inovador, renovador. Isto acontece quando dispositivos inventados de transdisciplinaridade recriam as questões teórico-clínicas do campo psicanalítico,

criando novas ferramentas conceituais.

Embora o pensamento freudiano seja um pano de fundo primordial e sempre presente na sua formulação, suas fontes psicanalíticas são Ferenczi, Melanie Klein e suas colegas, Isaacs e Segal, André Green e Bion. Ainda que de maneira pontual e não uníssona ou em série, elas farão estar presente, o tempo todo, o trançado dos seus três elos de encadeamentos básicos, como é anunciado logo na introdução: o corpo como a fonte pulsional, a fantasia inconsciente como o articulador genético do universo psíquico e a função-alfa como a ferramenta básica que torna disponível o sonhar/pensar. Estes elos partem de sua hipótese inicial de que "a produção do sentido e as formulações da significação não coincidem, mas, sim, comportam entre si passagens construídas; passagens de direções transversais, e de dupla mão, desde o soma até o regime da simbolização

incluído no domínio da linguagem e do pensamento" (p.14).

O ponto de vista metodológico da abordagem dos vários autores por Mara Selaibe é explicitado como problema, mas é na verdade uma problemática: ela busca desestabilizar explicações já encontradas, ser o propulsor de ligações inéditas entre idéias, sem esgotar o aspecto interrogativo. Nenhum autor posterior "esgotou os seus antecessores nem tampouco calou os que os seguiram. Em função da natureza do psíquico, nós não possuímos respostas tão definitivas; parecemos ter redefinições de problemas a comporem questões inesgotáveis" (p. 30).

De Klein, Isaacs e Green, vêm a reafirmação da fantasia inconsciente como a menor partícula de elaboração psíquica, sem a qual "não há meios de erigir o trabalho de simbolização" (p.14). De Gilles Deleuze, vem a anterioridade da repetição frente à representação. Repetição primária, que é pura insistência pulsional dispersiva. Esta insistência atualiza-se como fantasia. Mara Selaibe busca o diálogo entre estas duas concepções do Inconsciente: o Inconsciente psicanalítico, voltado para os pares sujeito/objeto psíquico e afeto/representação, e o Inconsciente da filosofia da diferença, que sustenta um campo de plena exterioridade, anterior à dicotomia sujeito/objeto, cujo princípio da repetição diferencial é que os irá constituir ininterruptamente. Reconhecendo as fronteiras intransponíveis das duas concepções, a autora busca as linhas de aproximação, para dar conta de como, na trama entre pulsões e fantasias, a

dimensão produtiva do sentido e a dimensão representativa da significação conjugam-se no processo de simbolização.

Em outro plano de composição das idéias do livro, assistimos à gangorra entre o foco no modo de produção do psiquismo e da construção do eu por um lado e, por outro, o foco na criação do Eu e na aquisição da linguagem. É sob a luz deste último, que surge a contribuição deleuzeana. Nenhum dos pensamentos psicanalíticos evocados - Ferenczi, Klein, Bion e Green - dá conta da diferença entre sentido e significação, ou seja, daquele algo que precisa ocorrer para que a linguagem se constitua como uma forma psíquica efetiva de expressão. Para Deleuze, é a organização do sentido que está na base da ordenação da linguagem à qual pertence o reino da representação como significação, designação e manifestação. Mas instalar-se no campo do sentido é percorrer o trajeto da psicosexualidade, "ultrapassando o estado de concretude corporal, compondo experiências constitutivas do *Self*, diferenciando o Eu e conquistando o processo de simbolização, sem jamais suprimir o campo pulsional como referente da vida psíquica" (p. 17).

A problemática da diferenciação e construção de passagens entre sentido e significação "diz respeito a uma clínica ocupada com a capacidade psíquica de criar sentidos e de poder expressá-los, sempre parcialmente, isentando-se da preocupação em buscar/revelar causas psíquicas pretéritas para o modo de vida psíquica presente" (p.

20). A concepção atemporal do inconsciente da psicanálise, não linear e nem causal, mas que veicula o infantil *a posteriori*, propiciando modificar e ressignificar marcas do passado, faz do conteúdo da sessão o veículo para o vínculo transferencial e contratransferencial, atualização que não carece de referências históricas passadas a fim de tornar consciente o inconsciente. É o vínculo mais do que o conteúdo aquilo que é investigado.

Mas a hipótese inicial da imbricação entre sentido e significação no processo de simbolização leva a autora à questão do pensamento, que implica e se explica pelos acontecimentos formadores do Eu e da aquisição da linguagem. Eis outro ponto de tangenciamento dos campos psicanalítico e filosófico: o que é pensar? Se pensar não se separa do trabalho da simbolização, se é uma atividade psíquica, nem tudo o que se passa no psiquismo é já *pensável*, nem mesmo por meio de sonhos ou fantasias. É preciso reconhecer a existência de atividades psíquicas derivadas de um eu corporal primitivo, em que vivências somáticas são as raízes de acontecimentos psíquicos e que nem por isto podem ser submetidas imediatamente a uma prática do pensamento. É aí, numa bela nota de rodapé, que Mara Selaibe traz a importância da noção de *acontecimento* para Deleuze e a apropriação que dela fez Green para a psicanálise. O *acontecimento* não é o acidente que ocorre, mas, no que acontece, o puro expresso que nos acena e nos espera, que ressalta da conjuntura, o encontro do fantasma com a percepção. O

brilho, o esplendor do acontecimento, é o sentido.

Podem-se imaginar as conseqüências clínicas no encontro analítico que Mara Selaibe tira daí, sobretudo em relação às problemáticas psicóticas, como ela conclui após a exposição da primeira situação clínica, "O psiquismo como um engendrador de sentidos inéditos partindo do investimento pulsional insistente e incessante enquanto dura a vida" (p. 40). No campo movediço, feito de *nonsense* e sentido no processo analítico, não há "enquadre que funcione se o analista não estiver sensível às necessidades e possibilidades psíquicas de cada paciente e ao mesmo tempo não se mantiver fiel às regras do método psicanalítico; a interpretação, por seu turno, se mostra tal qual um precipitado decantado no movimento fugidio do sentido" (p. 43).

No exíguo espaço desta resenha, vai sendo privilegiado o imenso trabalho conceitual que Mara Selaibe faz, de trazer a visão deleuzeana de uma psicanálise do sentido. Ele é retomado e aprofundado pelas ligações desta visão com o pensamento de Green, espécie de mediador, em seu texto, entre o percurso por Ferenczi, Klein e Bion e o percurso por Deleuze. É assim que deixo de me aprofundar na rica parte em que expõe as teorias psicanalíticas sobre a simbolização, cujo imenso trabalho exegético, através de conceitos e situações

clínicas, embasa as conclusões. Faço assim, por considerar o magnífico esforço de tirar o pensamento deleuzeano a respeito da psicanálise das brumas que o envolveram numa mera contraposição, ao invés de um fértil diálogo problematizador. Este constitui a parte mais inédita e importante, que ressalta do livro, prenhe de continuidades, sejam estas trazidas pela autora ou por outros.

Deleuze afirma a importância do *sentido*, absolutamente diverso da *significação* no interior do campo psicanalítico, ao dizer que a psicanálise não pode se contentar em designar casos, manifestar histórias ou significar complexos. Ela é psicanálise *do sentido*. Mara Selaibe nos explicita: trata-se "do pensamento e do pensar a partir dos movimentos em direção à conquista do sentido e, segundo o filósofo, a lógica própria ao sentido é a lógica implicada no processo de aquisição da psicosexualidade, da linguagem e do pensamento - cujas articulações se dão de modo simultâneo. Sem acesso ao sentido não há linguagem partilhada nem pensamento simbólico, sendo que a linguagem e o pensamento simbólico são a via de expressão do sentido. Por outro lado, a linguagem organizada e partilhada é uma conquista psíquica sustentada, por seu turno, na conquista do corpo erógeno" (p. 45).

O psiquismo se constrói diferenciando-se das entranhas do corpo, *diferenciado*, capaz de sublimar e fazer investimentos simbólicos sem, entretanto,

deixar de manter o corpo erógeno como linha de arrimo para o pensar. O expresso passa através da expressão como um efeito incorporal na linguagem e não se presta a ser definido ou circunscrito e, no entanto, sem ele, nenhuma linguagem expressa sentido. “O sentido não está na cadeia significante nem no arranjo das significações e tão pouco nas relações estritas entre ambas, mas ele atravessa, e, nesse caso, por meio da expressão na língua falada, ele se mostra como expresso. Ele também não é o tom da voz ou o ritmo da construção das frases; ele não é o silêncio nem os ruídos que acompanham as cadências. Ele usa toda essa gama de expressões para insistir através dela, fundando-a Dessa perspectiva, ao meu ver, seu referente só pode ser as pulsões, as moções pulsionais transformadas e atracadas em redes constituídas por fantasias inconscientes, de modo que jamais ele se torna um incorporal alheio ao corpo erógeno” (p. 46).

O sentido cria a linguagem que o engendra. A linguagem não é uma conquista feita pela abstração mental, mas uma conquista corporal, com efeitos incorporais psíquicos dos quais, inclusive, advém o pensamento abstrato. É por isso que na *Lógica do sentido*, Deleuze cruza sua investigação com as teorias da construção da superfície do corpo erógeno, do Édipo e da castração, de maneira que tais referências psicanalíticas forneçam ao leitor o desenho daquilo que ele chama de *gênese ontológica do sentido*. É no sentido que ele insere as transforma-

ções pelas quais passam os ruídos oriundos da profundidade somática na constituição do corpo erógeno e que vão em direção à conquista da superfície psíquica do pensamento – veículo da expressão através da linguagem” (p. 47). É este descentramento do Édipo (e da castração) – como referente privilegiado da organização psíquica, que a empurra para o primado da significação – que nos permite visualizar a descrição do processo de subjetivação psíquica, que Deleuze também sugere por meio da imagem dada das várias camadas do bolo *mil folhas*, lâminas sobrepostas de sentido, abertas ao finito ilimitado do tempo da duração, mil platôs geológicos.

Mara Selaibe explora múltiplas possibilidades dessas idéias para um fazer psicanalítico. Explora tanto o paradoxo da transferência, que inclui o corpo e remete o encontro para a fala – ainda que o corpo erógeno dos dois participantes do encontro precise estar ativo – quanto para o sentido da regra de abstinência que drena o investimento psíquico para a sublimação. A transferência seria, então, não apenas uma “ferramenta para sustentar fantasias inconscientes, identificar complexos, traduzir o inconsciente, mover a cadeia de significantes – ainda que tecnicamente, todas essas possibilidades estejam implicadas no fazer analítico – mas, principalmente uma ferramenta de atração e manutenção

do caráter problemático, indagativo do inconsciente” (p. 47).

É por que a pulsão é sem destino, que o sentido segue perpassando lugares sem estar em parte alguma. Mara Selaibe nos aponta que é por isso que a análise é terminável/interminável: ao incessante movimento psíquico correspondem trajetórias de sentido (movimento), e não exatamente conteúdos de sentido (pontos de parada). A fala nunca se esgota num suposto sentido verdadeiro. “Capturar o sentido seria o fim do elemento interrogante que faz mover as próprias relações de objeto; seria a morte – ao menos a morte psíquica” (p. 52). Assim, o sujeito psíquico implica uma processualidade subjetivante incessante, que “só se interrompe com a morte” (p. 150).

A conclusão a que a autora chega acerca do encontro analítico é contundente: não apenas que o analisando e o analista precisam sair do universo do senso comum e do bom senso, mas que têm de caminhar nesta direção para, “abertos a outra dimensão, estranha a essas duas, encontrarem-se capazes de experimentar intensidades e tentar criar as condições para ouvir o *inaudível*, pensar o *impensável* que forcem passagem através dos limites de cada montagem psíquica. Aquilo que está sob o sinal do negativo no universo da representação (*in*), insiste em se afirmar desde o campo pulsional em suas relações” (p. 154).

É só após o passeio complexo e intenso pelas formulações deleuzeanas que Mara

Selaibe pode redefinir a fantasia inconsciente, integrando as concepções sobre a fantasia inconsciente como organização, *a mínima*, de Isaacs, Deleuze e Green, fazendo, então, a crítica do postulado bioniano das pré-concepções geneticamente anteriores a qualquer trabalho psíquico como fundamento do mundo psíquico.

Vale a pena destacar a contribuição enorme, para a construção do pensamento de Mara Selaibe, do seu diálogo com Chaim Samuel Katz, este psicanalista, pensador de uma psicanálise do sentido a partir da filosofia da diferença de Deleuze. O estudo de sua contribuição, realizado pela autora, mereceria um desdobramento, uma reflexão a parte.

É instigante também o uso copioso que Mara Selaibe faz das notas de rodapé. Parece que elas são o lugar de refúgio de todas as dobras de seu pensamento, aquelas que vão além, o que traz um efeito curioso de acompanhar, ao mesmo tempo, duas direções. De um lado, um rigoroso cadenciamento de sua conceitualização em torno da questão principal; de outro, o vôo livre de sua pesquisa, rico de *ritornelos* aprofundados que, se bem escapavam deste cadenciamento, ela quis generosamente oferecer ao leitor interessado.

Por último, gostaria de destacar o diálogo constante com o trabalho de colegas do Departamento de Psicanálise do Sedes, expresso muitas vezes em leituras de artigos desta revista. O que, a meu ver, é uma auspiciosa atitude ética na construção de um campo produtivo e criativo de sentido compartilhado, solo de novas criações e produções.

Renata Udler Cromberg é psicanalista, filósofa, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.